

Os gramáticos latinos



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor ANTONIO JOSÉ DE ALMEIDA MEIRELLES
Coordenadora Geral da Universidade MARIA LUIZA MORETTI



Conselho Editorial

Presidente EDWIGES MARIA MORATO
ALEXANDRE DA SILVA SIMÕES – CARLOS EDUARDO ORNELAS BERRIEL
CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO
DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO
PEDRO CUNHA DE HOLANDA – SÁVIO MACHADO CAVALCANTE



Reitor RICARDO MARCELO FONSECA
Pró-Reitora GRACIELA INÊS BOLZÓN DE MUNIZ
Pró-Reitor de Extensão e Cultura RODRIGO ARANTES REIS



Coordenador da Editora UFPR RAFAEL FARACO BENTHIEN
Assessora da Editora UFPR RACHEL CRISTINA PAVIM

Conselho Editorial

ANGELA MARIA HOFFMANN WALESKO – CRISTINA GONÇALVES DE MENDONÇA
DIOMAR AUGUSTO DE QUADROS – FABRÍCIO SCHWANZ DA SILVA
MIGUEL GUALANO DE GODOY – PEDRO AUGUSTO BREDA FONTÃO
SÉRGIO LUIZ MEISTER BERLEZE

Presidente do Conselho

RODRIGO TADEU GONÇALVES

Coleção Bibliotheca Latina

Comissão Editorial

COORDENADORES

PAULO SÉRGIO DE VASCONCELLOS (UNICAMP) E MATHEUS TREVIZAM (UFMG)

ISABELLA TARDIN CARDOSO – MARCOS MARTINHO DOS SANTOS
PEDRO PAULO ABREU FUNARI – RODRIGO TADEU GONÇALVES
PEDRO CUNHA DE HOLANDA (REPRESENTANTE DO CONSELHO)

Fábio Fortes
Julia Burghini

Os gramáticos latinos
Varrão, Quintiliano, Donato e Prisciano

EDITORIA
UNICAMP

Editora
UFPR

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

F776g

Fortes, Fábio.

Os gramáticos latinos: Varrão, Quintiliano, Donato, Prisciano /
Fábio Fortes, Julia Burghini. – Campinas, SP: Editora da Unicamp -
Curitiba, PR: Editora da UFPR, 2021.

(Coleção Bibliotheca Latina)

1. Varrão, 116-27 a. C. 2. Quintiliano, 35-95 d. C. 3. Donato, Élio,
320-380 d.C. 4. Prisciano, fl. 500 -530 d. C. 5. Gramática latina.
I. Burghini, Julia. II. Título.

ISBN 978-65-86253-86-3 (Editora da Unicamp)

CDD - 475

ISBN 978-65-87448-46-6 (Editora UFPR)

Copyright © by Fábio Fortes, Julia Burghini

Copyright © 2021 by Editora da Unicamp

Opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas
neste livro são de responsabilidade dos autores e não
necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Impresso no Brasil.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br
vendas@editora.unicamp.br

Editora Universidade Federal do Paraná
Rua Ubaldino do Amaral, 321
CEP 80060-195 – Curitiba – PR – Brasil
www.editora.ufpr.br
editora@ufpr.br

Coleção Bibliotheca Latina

A coleção agrega obras que descrevem e comentam os principais gêneros literários da Antiguidade, em Roma. Escritas por especialistas nos gêneros abordados – épica, poesia didática, historiografia, literatura técnico-gramatical, comédia, tragédia etc. –, essas obras oferecem seus traços indispensáveis e dão um panorama dos principais autores que se ocuparam de cada modalidade genérica. Miniantologias de excertos traduzidos e bibliografia comentada complementam cada volume desta Coleção.

Sumário

Apresentação	9
Índice de siglas e abreviações.....	17
Capítulo 1 – O gramático latino: o mestre de letras e o intérprete dos poetas	19
O gramático como “guardião da língua”	21
O gramático como “intérprete dos poetas”	26
A escola do gramático	31
Capítulo 2 – O instrumento do gramático: a <i>ars grammatica</i>	35
Estrutura da <i>ars grammatica</i>	37
Origem da <i>ars grammatica</i>	40
A correção da linguagem: a <i>Latinitas</i>	43
Capítulo 3 – Os diferentes gêneros gramaticais latinos	49
Gramáticas escolares	49
Gramáticas de regras	51
Comentários literários	55
Comentários gramaticais	57
Capítulo 4 – As primeiras reflexões linguístico-gramaticais latinas.....	61
Varrão.....	63
Quintiliano	68
Gramáticos latinos fragmentários.....	72

Capítulo 5 – Donato e as <i>artes grammaticae</i>	79
Élio Donato	80
<i>Ars maior</i> : estrutura didática e conteúdo	83
<i>Ars minor</i> : uma síntese em perguntas e respostas	88
Os diferentes grupos doutrinários das <i>artes grammaticae</i> tardias.....	90
Capítulo 6 – Prisciano e a refundação da gramática na Antiguidade Tardia	95
Uma gramática latina em um contexto de fala grega.....	96
O “programa linguístico” das <i>Institutiones grammaticae</i>	99
O estudo da sintaxe: regra e uso.....	104
Capítulo 7 – Coletânea	113
Varrão.....	115
Quintiliano	119
Donato	121
Prisciano	127
Glossário de termos técnicos gramaticais	133
Bibliografia comentada.....	139
Referências bibliográficas.....	147

Apresentação

O termo “gramática” tem pelo menos dois sentidos principais na língua portuguesa. No senso comum, remete aos exercícios escolares propostos às crianças na escola, para aprenderem as construções sintáticas da norma-padrão do português. Nesse sentido, “gramática” é sinônimo de uma prática escolar, de caráter normativo, que elege a forma de prestígio social da língua como objeto de ensino. Essa variedade linguística é apresentada e ensinada nem sempre de forma crítica: não somente se desconsidera, por exemplo, a diversidade linguística como inerente ao “normal” da linguagem, quanto, sobretudo, perde-se a dimensão histórica do fenômeno linguístico. A língua é apresentada de uma maneira idealizada, como o modo de expressão de autores consagrados do passado. É em relação a essa norma linguística que se erigiram as representações do português “correto” e “errado”.

Por outro lado, a linguística contemporânea possui um outro sentido para o termo “gramática”. No âmbito dessa disciplina, “gramática” corresponde *lato sensu* aos princípios e às regras que estruturam uma variedade linguística – não importando se ela é considerada prestigiada ou não. É o conjunto de regras e princípios que estruturam a competência inerente aos seres humanos para o uso de suas línguas. Admite-

-se, nesse sentido, segundo algumas correntes da linguística, a existência de uma “gramática internalizada” aos falantes, uma faculdade mental que permitiria a construção e a compreensão de enunciados aceitáveis para uma língua em particular.¹ Tendo a gramática de uma língua como seu objeto de estudo, a tarefa do linguista não seria a de indicar e propor regras para o comportamento linguístico – uma “norma” –, mas de descrever e explicar os fenômenos associados à expressão de uma língua em suas várias manifestações, levando em consideração também a sua variação. A consequência disso é admitir a coexistência de diferentes “gramáticas” em determinado momento da história de uma língua, ou de diferentes “gramáticas” que se sucedem ao longo de sua evolução histórica. É verdade que, por razões socioculturais, uma ou algumas dentre essas diferentes “gramáticas” são consideradas mais aceitáveis e, portanto, as mais indicadas para determinados usos e contextos, descrevendo a chamada “norma-padrão” da língua (também dita “norma culta”), aquela que deve, por isso, ser também ensinada na escola. No entanto, não caberia ao linguista fiscalizar ou normatizar esse uso, mas investigar o funcionamento da língua e compreender, entre seus vários fenômenos, também o seu código social. A consequência desse trabalho é o oferecimento à comunidade linguística dos instrumentos que lhe permitem não somente compreender sua língua, mas também ensiná-la.

O interesse, a curiosidade ou mesmo a preocupação com o modo de expressão da linguagem estão presentes no dia a dia de todos os falantes, o que se traduz em jogos de palavras, em trocadilhos, em construções linguísticas criativas e alternativas e até mesmo em piadas, na elaboração de *memes* em redes sociais na internet etc. Contudo, a compreensão dessas

distinções e a acurada descrição desses fenômenos são temas de estudo de linguistas e gramáticos e objetos de trabalho dos professores de línguas. Tanto a investigação empírica e teórica das línguas quanto o seu ensino são práticas que se testemunham desde tempos bastante remotos, a partir do surgimento da própria disciplina na Antiguidade. Os dois sentidos que evocamos acima para a palavra “gramática” remetem, com efeito, a uma mesma tradição, bem mais antiga.

Seja como um código normativo que visa a um uso considerado “correto” por uma comunidade linguística, seja ela tomada como um objeto de investigação teórica ou empírica, regulado por regras lógicas, a “gramática” já foi extensamente pensada, discutida e analisada nas obras gramaticais dos antigos gregos e romanos. Não somente o termo *grammatiké* foi importado do grego para o latim, provavelmente em torno do século I a.C., e posteriormente do latim para o português, como a própria disciplina, enquanto uma investigação e uma prática escolar, já existia no mundo antigo grego e romano. Embora o primeiro texto que tenha nos chegado seja, efetivamente, do período helenístico – a obra de Dionísio Trácio, a *Tékhnē grammatiké*, do século II a.C. –, indícios dessa prática se apresentam, ao menos, desde o século IV a.C., em referências presentes, por exemplo, já na obra de Platão.²

Assim como vemos no *Sofista*, o termo originalmente significava em grego tão somente algo como a “arte das letras”, que foi incorporado em latim com o nome de *ars grammatica*. Evidentemente, esse conceito genérico não dá conta da pluralidade de práticas e de teorias linguísticas que podemos encontrar nas dezenas de obras atribuídas aos gramáticos gregos e latinos, o que nos obriga, desde já, a reconhecer que a *gramática antiga* não representava homogeneamente uma

única perspectiva de investigação ou de ensino no campo da linguagem. Com efeito, somente em latim, textos que tinham por objeto a linguagem e que chegaram aos dias de hoje cobrem um arco temporal que vai, pelo menos, do século I a.C., com Varrão, até o século XIV ou XV, quando ainda se escreviam textos gramaticais sobre o latim, tendo essa língua como metalíngua e objeto.³ Além disso, paralelamente, pelo menos desde o final da Idade Média e a consolidação das línguas nacionais, o modelo gramatical greco-latino foi também a base para a constituição das gramáticas das línguas então conhecidas e descobertas em todo o mundo, inclusive na América do Sul: a gramática do tupi-guarani, por exemplo, foi descrita ainda no século XVI por José de Anchieta, tendo por base a estrutura da gramática latina.⁴ Isso é o suficiente para ilustrar a extensão, a complexidade e a riqueza do campo quando nos referimos à *gramática latina*.

O objetivo desta obra, entretanto, é mais modesto e limitado. Buscamos oferecer uma introdução ao gênero gramatical latino, dando ênfase aos seus elementos teóricos e à sua aplicação no contexto educacional romano. Para isso, elegemos o gênero das *artes grammaticae* dentre a pluralidade de gêneros literários romanos existentes no âmbito de disciplinas que elegiam como objeto de estudo a expressão linguística, como, por exemplo, a retórica, a lógica, a ética, entre outras. Além disso, limitamos nosso arco temporal ao período que vai do século I a.C. – com a obra de Varrão, *De lingua Latina* – ao século VI d.C. – com a obra de Prisciano, *Institutiones grammaticae*.

Embora esse seja um período também bastante longo, essas duas balizas se justificam, em primeiro lugar, por que esses dois autores – Varrão e Prisciano – podem ser considerados os dois

extremos de uma tradição gramatical propriamente romana. Não somente nada temos antes de Varrão – a não ser os textos gramaticais gregos – quanto também, após Prisciano, a tradição gramatical subsequente é, em vários sentidos, bastante diversa da gramática latina “clássica” quanto aos seus objetivos e formatos. Além disso, o gênero das *artes grammaticae* se constituiu e floresceu ao longo desse período: a maior parte dos manuais gramaticais que nos chegou data dos séculos III a V, e se desenvolveu na esteira de uma sequência histórica, de modo que, não raro, deparamo-nos com a repetição de enunciados, exemplos e explicações em autores presentes ao longo desses diferentes séculos. Por essa razão, julgamos que uma introdução à gramática latina não pode abrir mão de apresentar ao menos os contornos desse desenvolvimento histórico.

O título desta obra faz referência aos *Grammatici Latini* (Gramáticos latinos), nome dado ao conjunto de autores de artes gramaticais produzidas entre os séculos III e VI da nossa era e que foram primeiramente editadas em seu conjunto por Heinrich Keil entre 1855 e 1880. Sabe-se, entretanto, que os estudos gramaticais em Roma começaram muito antes desse período, provavelmente em torno do século II a.C.; porém, infelizmente, com exceção dos capítulos gramaticais de Quintiliano presentes em sua *Institutio oratoria*, do século I d.C., e dos capítulos que nos chegaram do *De lingua Latina*, de Varrão, obra do século I a.C., os textos gramaticais anteriores ao século III d.C. foram preservados apenas em fragmentos mais ou menos extensos.

A riqueza de conhecimentos gramaticais contidos nessas obras é inegável: fonologia, ortografia, métricas, as partes da oração e suas propriedades, as declinações, as conjugações, os vícios e as virtudes da linguagem e, em certa medida, também a

sintaxe: todos esses são temas que recebem análises extensas oferecidas pelos gramáticos latinos. Uma das contribuições indubitáveis da gramática antiga ao pensamento linguístico ocidental é a distinção do que hoje conhecemos como “classes de palavras”. Atualmente, rótulos consolidados como *substantivo*, *verbo*, *advérbio* ou *interjeição* remetem a essa longa e complexa história da disciplina, que não é tão uniforme quanto se pensa e, no caso da gramática romana, é geralmente associada aos grandes nomes de Varrão, Donato e Prisciano – podendo-se também incluir nesse rol os capítulos gramaticais contidos na obra do mestre de retórica Quintiliano.

Apesar de apresentarem uma vasta e valiosa reflexão sobre o uso da língua latina, sobre o seu ensino e sobre a sua literatura – além de terem oferecido conceitos para pensar a própria linguagem –, durante muito tempo tais obras não despertaram atenção dos linguistas ou mesmo dos classicistas, os quais, diante do (por vezes) árido terreno das discussões gramaticais, relegaram a segundo plano tais obras.⁵ Além disso, muitos estudiosos viram na gramática latina apenas uma espécie de cópia ou transmissão da gramática grega.⁶ Esse é o motivo pelo qual o interesse pelas obras gramaticais somente tenha aumentado nas últimas décadas, sendo o resultado, por um lado, da emergência da historiografia da linguística⁷ e, por outro, das novas edições críticas desses textos e da sua disponibilização em plataformas digitais.⁸ De todo modo, a maior parte desses manuais ainda não recebeu traduções em línguas modernas, sendo ainda poucas as iniciativas nesse sentido no Brasil, a maior parte delas limitadas a teses e dissertações defendidas.

No intuito de despertar o interesse pelo estudo dessas obras, apresentamos, nos capítulos 1, 2 e 3, reflexões em torno do

gramático romano e de sua *ars grammatica* (a estrutura dessas obras, a contextualização social da atividade gramatical, seus temas principais e subgêneros); no capítulo 4 abordamos os primórdios da discussão gramatical em Roma, recuperando a obra dos gramáticos latinos fragmentários e de dois expoentes que, embora não tendo redigido propriamente obras gramaticais, no sentido estrito, são autores incontornáveis para essa discussão: Varrão e Quintiliano. No capítulo 5, debruçamo-nos sobre a obra de Donato, como o maior exemplo de um manual escolar de gramática, e, no capítulo 6, sobre a obra de Prisciano. No capítulo 7, oferecemos ainda uma pequena coletânea bilíngue de textos gramaticais desses autores. Como complemento, um breve glossário bilíngue de termos técnicos gramaticais citados neste volume. Finalmente, apresentamos uma breve bibliografia comentada, como é característico da coleção Bibliotheca Latina, para quem quiser aprofundar-se nesse campo de estudos, e as referências bibliográficas.

Gostaríamos de registrar aqui o nosso agradecimento aos editores da coleção Bibliotheca Latina, professor Paulo Vasconcellos, professor Matheus Trevizam e professor Rodrigo Tadeu Gonçalves, pelo convite e pelo estímulo à elaboração desta obra, bem como pelos comentários e sugestões; aos colegas da área de Letras Clássicas da Universidade Federal de Juiz de Fora e da Universidade Nacional de Córdoba; à Capes, em particular, que financiou o estágio de pós-doutorado no Département des Sciences de l'Antiquité da Universidade de Liège, que permitiu a conclusão deste trabalho ao longo do ano de 2020.

Notas

- 1 Perspectiva consagrada na chamada “Gramática Gerativa”, desenvolvida por Noam Chomsky e vários outros estudiosos a partir da segunda metade do século XX. Algumas referências são Raposo, 2000; Borges Neto, 2001.
- 2 Como vemos, por exemplo, ao menos em duas passagens da extensa obra de Platão: *Teeteto*, 207a9-b3; e no *Sofista*, 252e4-253a12. Um comentário sobre isso, encontramos em Auroux, 2009.
- 3 Como exemplo de uma gramática em latim e sobre o latim produzida no início da Modernidade, podemos citar a *Grammatica Pastranae siue Thesaurus Pauperum siue Speculum Puerorum* (Juan de Pastrana, 1497), atualmente encontrada na Biblioteca Nacional de Lisboa. Um levantamento exaustivo desse tipo de gramática pode ser conferido em Auroux, 1992.
- 4 *A Arte de grammatica da lingua mais vsada na costa do Brasil*, escrita por José de Anchieta, 1595.
- 5 Há mais de um século, Nettleship, 1886, p. 189, pensava que a análise dos *Grammatici Latini* seria “um tédio além da conta”. Anos depois, o renomado filólogo e latinista Lindsay, 1916, p. 31, considerava que os volumes dos *GL* constituía, para a maioria dos filólogos, um *ábatos eremía*, “um deserto do Saara”, que não ofereceria “nem prazer, nem vantagem para o explorador”. Bem mais recente, Law, 1993b, p. 2, afirma que os classicistas que se dedicam às gramáticas, muitas vezes, precisam “justificar ou mesmo se desculpar pela sua escolha”.
- 6 Lyons, 1979, p. 13, afirma, por exemplo: “Sobre a obra dos gramáticos latinos há menos a dizer. [...] Não causará, pois, grande surpresa verificar que os gramáticos latinos dependiam quase completamente de seus modelos gregos”. Mounin, 1970, p. 95, afirma: “Roma merece um capítulo numa história da linguística [...] bem menos por haver produzido do que por haver transmitido”.
- 7 Disciplina surgida na década de 1970, ligada à primeira edição do *International Conference on the History of the Language Science (IChOLS)* e aos periódicos *Historiographia Linguistica* (1974-), *Histoire Épistémologie Langage* (1979-) e a outros que se seguiram, em diferentes partes do mundo, como a *Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft* (1991-), *Boletín de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística* (2002-). O objetivo desse campo é estudar textos metalinguísticos de diferentes épocas – incluindo os da Antiguidade – com o intuito de compreender diferentes representações historicamente construídas sobre as línguas e as linguagens. O foco não é provar ou ilustrar questões da práxis linguística contemporânea, mas mapear diferentes percursos conceituais em torno das línguas, construídos a partir de textos que, em larga medida, chegaram até os nossos dias.
- 8 Cf. Bibliografia comentada.

Índice de siglas e abreviações

Termos gramaticais

abl. – ablativo

acus. – acusativo

gen. – genitivo

gr. – grego

lat. – latim

nom. – nominativo

pess. – pessoa

pl. – plural

pres. – presente

pret. imperf. – pretérito imperfeito

sing. – singular

voc. – vocativo

Autores e obras

AUG. *Conf.* – Agostinho, *Confissões*

AUG. *Sol.* – Agostinho, *Soliloquia*

BNP – *Brill's New Pauly*

CHAR. *Ars* – Carísio, *Ars grammatica*

- DIOM. *Ars* – Diomedes, *Ars grammatica*
DION. *Tékh.* – Dionísio Trácio, *Tékhne grammatiké*
DON. *Mai.* – Donato, *Ars maior*
DON. *Min.* – Donato, *Ars minor*
GEL. *N. A.* – Aulo Gélío, *Noites áticas*
GL – Heinrich Keil, *Grammatici Latini*
GRFM – Mazzarino (ed.). *Grammaticae romanae fragmenta aetatis Caesareae*
HIER. *Chr.* – Jerônimo, *Chronicon*
M. V. – Mário Vitorino
PRISC. *Inst. gr.* – Prisciano, *Institutiones grammaticae*
PRISC. *Part.* – Prisciano, *Partitiones duodecim uersuum Aeneidos principalium*
QUINT. *Inst.* – Quintiliano, *Institutio oratoria*
Rhet. Her. – *Rhetorica ad Herennium*
SEN. *Ep.* – Sêneca, *Epistulae morales ad Lucilium*
SERV. *Comm.* – Sérvio, *In Vergilii carmina commentarii*
SUET. *Gram.* – Suetônio, *De grammaticis*
VARR. *L. L.* – Varrão, *De lingua Latina*

O gramático latino: o mestre de letras e o intérprete dos poetas

Em uma de suas *Cartas a Lucílio*, Sêneca nos revela que havia diferentes profissionais relacionados à escrita e à leitura em sua época: o filósofo (*philosophus*), o filólogo (*philologus*) e o gramático (*grammaticus*). Segundo o filósofo romano, diante de um texto escrito, como o *De republica* de Cícero, por exemplo, um filósofo imediatamente deveria se ocupar da lição ética que se poderia tirar desse texto. O filólogo, por sua vez, estaria interessado nas considerações teóricas sobre esse texto em seu contexto – tais como os elementos históricos e sociais que pudessem contribuir para a sua interpretação. Finalmente, ao gramático caberia oferecer lições sobre as palavras desse texto, iluminando ainda as relações que ele mantinha com outras obras literárias, como podemos ver na passagem:

Quando o gramático explica os mesmos livros, primeiro refere em seus comentários que as palavras *reapse* foram ditas por Cícero, isto é, *re ipsa* [“pela própria coisa”], assim como *sepse*, isto é, *se ipse* [“ele mesmo”]. Depois muda para aquelas expressões que o costume dos tempos mudou, assim como dizia Cícero: “Pois fomos chamados de volta ao fim da carreira [*ab ipsa calce*] pelo seu grito”. Aquilo que hoje chamamos *creta* no circo os antigos diziam *calx*. Então, [o gramático]

reúne os versos de Ênio, em primeiro lugar aqueles escritos sobre o Africano. [...] Afirma que Ênio tirou isso de Homero, e Virgílio, de Ênio.

(SEN. *Ep.* 18.108.30-33)

Por que um gramático romano, como nos dá testemunho Sêneca, deveria se ocupar com as palavras de um texto, com seu significado, etimologia e mudança? Além disso, que importância cultural havia em se identificar no âmbito de um texto as semelhanças e as correspondências com outros textos ou, ainda, em traçar suas origens a partir de outros autores, como Homero ou Virgílio? Para respondermos a essas questões, precisamos, certamente, buscar entender o gênero gramatical latino no âmbito das balizas históricas e culturais do mundo antigo, fazendo um esforço por deslocá-lo da noção moderna do termo “gramática” – *i.e.*, o estudo sistematizado das línguas por elas mesmas, eventualmente visando a seu ensino ou sua descrição.

Se partimos da passagem de Sêneca citada acima, temos uma boa pista para entendermos que o antigo ofício do gramático possuía, ao menos, duas funções: (1) uma relacionada à investigação sobre as próprias palavras – a mudança, por exemplo, do uso antigo da palavra *calx* pelo da palavra *creta*¹ – e (2) outra relacionada a um trabalho de edição e explicação dos textos – a recomposição dos versos de Ênio, por exemplo, poeta épico latino do século III-II a.C., bem como a compreensão da genealogia de um gênero literário, no caso, o épico, nesses três autores, Homero, Ênio e Virgílio.

Essas duas atividades dão conta do papel atribuído aos gramáticos como “guardiões da língua” (*sermonis custodes*) e, ao mesmo tempo, “intérpretes dos poetas” (*poetarum interpretes*). Essas duas funções descrevem, de forma geral, um